



Inter-Agency Task Force on
Social and Solidarity Economy

Empoderamento e participação feminina na Economia Social e Solidária: em busca da equidade

Vanêssa Pereira Simon

*Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Brasil*

Maio 2019

Projecto de documento
preparado para o Grupo de Trabalho Interagências
das Nações Unidas sobre ESS (UNTFSSSE)

Chamada para ensaios 2018

**A implementação dos Objetivos de
Desenvolvimento Sustentável (ODS): Qual o papel
da Economia Social e Solidária? (ESS)?**

Apresentado na Conferência Internacional da UNTFSSSE em Genebra, 25-26
Junho 2019

A responsabilidade pelas opiniões expressas neste documento corresponde apenas aos seus autores, disponibilidade na Plataforma de Conhecimento da ESS para os ODS (unsse.org) não constitui aprovação do Grupo de Trabalho Interagências das Nações Unidas sobre ESS (UNTFSSSE), nem dos seus membros institucionais, parceiros ou observadores, das opiniões aqui relatadas. É proibida a publicação ou distribuição deste documento sem autorização prévia dos autores, exceto em caso de uso pessoal.

Este documento está disponível na Plataforma de Conhecimento da ESS para os ODS, na versão e no idioma em que foi recebido.

Resumo

A invisibilidade das mulheres é um aspecto que pode ser percebido tanto no dia a dia como no papel desempenhado por elas nas ciências e nos estudos sobre as mulheres. Por isso, o presente artigo pretende, por meio de histórias de vida de 3 participantes da Economia Social e Solidária de Santa Catarina (Brasil), trazer as mulheres para o protagonismo das pesquisas científicas, mas, principalmente, articular os conceitos de empoderamento feminino e economia social e solidária. A Economia Social e Solidária por seus conceitos intrínsecos de cooperação, igualdade, solidariedade e também, de contraposição a uma sociedade hegemônica, unidimensional, apresenta-se como um espaço promissor para a atuação das mulheres que não se enquadram nesse cenário posto. E, por isso, sua relevância enquanto espaço de oportunidade para a consolidação do 5º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável – Igualdade de gênero e empoderamento das mulheres e meninas. Entretanto, não basta apenas participar do movimento, é necessário qualificar essa participação – o que ocorre por meio do empoderamento dessas mulheres. Os relatos das entrevistadas consolidam essa aproximação, sem desconsiderar os problemas e as dificuldades apresentados no processo de empoderamento nos espaços da Economia Social e Solidária.

Palavras chave

Empoderamento feminino; Economia Social e Solidária; Equidade; História Oral

Bio

Professora substituta no departamento de Governança Pública do CESFI/UEDESC. Pesquisadora sobre os temas Estudos Organizacionais; Economia Social e Solidária; Gênero, sendo sua publicação mais recente o livro de sua tese “Trajetórias fenonômicas e empoderamento: histórias de vida de mulheres na economia social e solidária catarinense”

Introdução

A invisibilidade das mulheres é um aspecto que pode ser percebido desde fatos corriqueiros do dia a dia até o papel desempenhado por elas nas ciências e nos estudos sobre as mulheres. Percebe-se que, ao longo dos séculos, as mulheres viviam num universo restrito, num espaço privado e, portanto, excluídas do espaço social e político e essa exclusão teve reflexos nas pesquisas sobre/com mulheres.

A Economia Social e Solidária (ESS) apresenta-se como um campo de estudo que possibilita uma maior equidade para as mulheres em razão dos seus princípios fundamentais, permitindo que essa invisibilidade venha, eventualmente, ser rompida, pelo menos nesses espaços.

A ESS propõe uma articulação específica entre as esferas econômicas, políticas e sociais ao trazer a ideia de solidariedade em contraponto ao individualismo utilitário predominante na sociedade de mercado. Entretanto, não se propõe a ser um setor à parte, mas a interagir com o modelo hegemônico, numa perspectiva particular, com princípios econômicos diversos e outra maneira de entender a ação organizacional ou coletiva (Laville e Gaiger 2009).

Por sua configuração de um espaço autogestionário, cooperativo, preocupado com as questões sociais, torna-se propício para que as mulheres possam atuar e crescer numericamente como também individualmente, gerar oportunidades para um aprimoramento da participação nos empreendimentos e em posições de tomada de decisão, propondo um quadro mais equânime.

Percebe-se que há uma relação direta entre os fundamentos da ESS e os relacionados às questões de gênero por serem ambos fundados em princípios contrários à discriminação, o que viabilizaria uma melhor equidade de gênero.

Um conceito fundamental para minimizar as discrepâncias em relação a gênero na ESS é o empoderamento das mulheres. O empoderamento, ao incentivar a mudança de atitude das mulheres, apresenta-se como uma estratégia importante para a mudança do cenário discriminatório da sociedade. Os espaços da ESS delineiam-se como um lugar fértil para sua consolidação em razão dos fundamentos intrínsecos ao movimento.

Assim, essa aproximação entre ESS e empoderamento feminino apresenta-se como ambiente promissor para a consolidação do 5º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) – Igualdade de gênero e empoderamento das mulheres e meninas (ONU s/d). Os espaços, que se pretendem mais equânimes, associados ao processo de empoderamento de cada uma das participantes da ESS, representam uma oportunidade para que elas possam educar-se, desenvolver trabalhos dignos, respeitando seus tempos e dinâmicas familiares, estabelecer-se economicamente de maneira independente de seus pares/familiares e, conseqüentemente, assumir postos de decisão nos empreendimentos e espaços de discussão. Com isso, é possível pensar-se em uma erradicação, nesses espaços, das diferenças de gênero - o que asseguraria o 5º ODS.

A pesquisa foi realizada em Santa Catarina (Brasil) com mulheres atuantes em diferentes áreas da ESS. Utilizou-se da história oral temática com as participantes dos empreendimentos para tentar entender como os temas ESS, gênero, economia, empoderamento são percebidos por elas – sujeitas do processo. Com isso, colocam-se as sujeitas e suas ações em evidência, pois é a partir delas que foram feitas as contextualizações, as interpretações do processo de empoderamento, aprofundando a compreensão da participação nos espaços da ESS e seu crescimento pessoal e em comunidade. Ao relatarem as histórias de suas vidas, ressaltam os pontos que julgam importantes, ao mesmo tempo em que o processo de empoderamento vai-se evidenciando à medida que contam de onde partiram e onde se encontram hoje, tanto no nível pessoal como com relação ao movimento. Daí a importância da história oral como resgate

dessas experiências ao trazer as próprias sujeitas para o protagonismo das ações – é a história delas, narradas por elas. O crescimento destacado por elas vai alterando o quadro da própria ESS e consolidando-a como um espaço promissor para uma maior equidade.

Portanto, a proposta desse trabalho é trazer as mulheres para a centralidade do conhecimento, como autoras e sujeitas do processo, e mostrar o papel da ESS para o empoderamento de cada uma, bem como as dificuldades encontradas, apesar das características de igualdade propaladas.

Ciência e a invisibilidade feminina

A ciência moderna, fruto da revolução científica do século XVII, nasceu notadamente patriarcal e “profundamente masculino-machista”, fundada numa perspectiva mecanicista com destaque para a racionalidade e a objetividade, promovendo um mundo onde os fatos poderiam ser controlados e previstos (Japiassu 2001; 2011; Yamamoto e Ichikawa 2008). Com isso, houve uma repressão aos sentimentos e à sensorialidade, e, assim, dentro do enfoque racional e objetivo, estabeleceu-se a inferioridade feminina, exaltando conseqüentemente, a superioridade masculina.

Entretanto, para Santos (1987, 37), há atualmente, o surgimento de um novo paradigma, “de um conhecimento prudente para uma vida decente” em que todo conhecimento científico-natural é científico-social. Por isso, tende a ser um conhecimento não dualista, em que distinções como natureza/cultura, observador/observado, subjetivo/objetivo serão reconhecidas numa abordagem mais abrangente, interdisciplinar, não dicotômica. Existe uma aproximação entre as ciências naturais e sociais que, por sua vez aproximam-se das humanidades, numa nova perspectiva de ciência, e assim, **a pessoa, como autor e sujeito do processo, vai para o centro do conhecimento.**

Economia Social e Solidária: um campo de possibilidades

A Economia Social e Solidária (ESS) apresenta-se como um campo de estudo que possibilita uma maior equidade para as mulheres em razão dos seus princípios fundamentais, permitindo que essa invisibilidade seja, eventualmente, extinta.

A sociedade atual torna inevitável a associação das dimensões sociais e ecológicas à economia, uma vez que uma visão unidimensional não é mais sustentável na contemporaneidade. Essa visão reducionista limita consideravelmente, as possibilidades de criação de riqueza e emprego que se descortinam a partir de outras formas que não são percebidas nessa lógica reducionista (Sauvage 1996; Lechat 2002). Sendo assim, uma economia plural mostra-se mais interessante ao buscar fortalecer as organizações da sociedade civil, em paralelo às empresas privadas e públicas, que desenvolvem atividades econômicas, mas consideram as dimensões social, econômica e política sem privilegiar nenhuma (Andion, Serva e Lévesque 2003). O diferencial é entender a lógica econômica incorporando o social e, com isso, não separar as dimensões culturais, políticas, éticas mantendo o caráter substantivo dessas manifestações (Lisboa 2009).

Não há, contudo, uma definição precisa e única de ESS, pois ainda é uma expressão conceitual em disputa que, dependendo da visão de mundo de quem pesquisa sobre ela, terá uma conotação distinta. Portanto, controvérsias, imprecisões terminológicas, contradições teóricas e práticas políticas distintas estão inerentes ao uso do termo (Costa e Carrion 2009; Araújo 2014; Henriques 2014).

De qualquer maneira, é interessante observar que, no Brasil, de acordo com o último

levantamento realizado pela Secretaria Nacional de Economia Solidária - SENAES¹, existiam 19.780 empreendimentos com 1.423.631 participantes, compostos, em sua maioria, por agricultores familiar (10.899); organizados sob a forma de associações (11.823), grupos informais (6.018); e a motivação da criação do empreendimento ocorreu, prioritariamente, por apresentar-se como uma fonte complementar de renda (9.624), uma alternativa ao desemprego (9.106) (SENAES 2013). Esses números conseguem mostrar a dimensão que a ESS alcançou no Brasil, bem como suas motivações, o que corrobora seu caráter plural.

Ainda em relação aos números no Brasil, Henriques (2014) aponta que a participação da ESS na economia brasileira é de apenas 2%, ou seja, muito incipiente. Fato decorrente, principalmente, em razão da maior parte das atividades serem de subsistência ou produção artesanal, de serem compostos por iniciativas individuais ou familiares com estruturas que, apesar dos esforços, não se configuram efetivamente como gestão coletiva. Além disso, são constituídos por pessoas com baixa instrução e idade avançada, com pouco ou nenhum recurso inicial, o que faz com que acabem sendo apoiados por organizações outras como igrejas, ONGs e o próprio Estado.

Porém, os limites da ESS podem ser vistos como “potencial pedagógico de estabelecer diálogos e provocar um amadurecimento político para a construção de uma *economia plural*” em contraposição à ideologia neoliberal que visa universalizar os valores e que, mesmo que as práticas da ESS não sejam representativas, numericamente falando, são práticas inovadoras do ponto de vista qualitativo e ético e, como tal, merecem ser pesquisadas (Costa e Carrion 2009, 80).

Sendo assim, nessa perspectiva de contraposição dos valores universalizantes, preocupando-se com a singularidade, é que se pensa em associar o trabalho das mulheres, normalmente desconsiderado ou desvalorizado, à ESS numa perspectiva de enfrentamento ao contexto hegemônico e como possibilidade de consolidação da igualdade de gênero.

Economia Social e Solidária e Gênero

A ESS, por suas características intrínsecas e preocupação com a valorização do ser humano, surge como uma oportunidade para o trabalho feminino. Possibilita a participação efetiva das mulheres, uma vez que oferece um espaço que valoriza o humano, respeita os limites e necessidade de cada um e preocupa-se com a não discriminação ou exploração dos participantes, numa abordagem de inclusão (Bonet e Moreno 2011; Stábile e Lanza 2012).

Essas características da ESS vão ao encontro das necessidades das mulheres que ainda não conseguem compartilhar com outros membros da família as incumbências com o lar e a família, assumindo assim, todos esses cuidados. Essas atividades dificultam ou impedem que elas assumam postos de trabalhos com características mais regulares e, ao participarem de empreendimentos da ESS, conseguem conciliar essas atividades com condições mais favoráveis e particulares. Na ESS, o trabalho nos empreendimentos é catalizador de suas participações sociais e políticas. A participação nas reuniões do próprio empreendimento, nos fóruns, em cursos, visitas técnicas promovem uma ampliação de horizonte dessas mulheres, fundamental no seu processo de empoderamento. A ESS possibilita o agir coletivo, o que permite também, a transformação do papel das mulheres na sociedade ao ensinar uma inclusão sociopolítica por meio do trabalho em conjunto (Culti, 2004; Stábile e Lanza 2012).

Alguns números a respeito da participação feminina na ESS no Brasil. Há uma consistente quantidade de empreendimentos que contemplam 1.423.631 pessoas. Entretanto, é possível evidenciar que não há paridade na presença das mulheres na ESS: 620.258 associadas ou 43,56% sendo que somente 160 empreendimentos no Brasil (0,82% do total dos

¹ Último levantamento realizado foi em 2013.

empreendimentos) são coordenados por mulheres. Além disso, a participação das mulheres é maior nos empreendimentos de menor porte, predominantemente em grupos informais, nos espaços urbanos. Em um levantamento complementar realizado, destacou-se que a renda das sócias é relevante para o sustento da família por ser ou a única fonte disponível (15,4%) ou a renda principal (16,06%) e, além disso, precisam recorrer às redes informais de parentesco e vizinhança (19,3%) e creches e escolas (17,8%) para garantirem os cuidados com os filhos durante a atuação nos empreendimentos. Percebe-se uma reprodução da divisão sexual do trabalho também na ESS, apesar de sua configuração, pois a atuação dos maridos e/ou companheiros é de apenas 7,0%, bem como, o despreparo do próprio movimento, pois somente 4,0% dos empreendimentos têm estrutura para cuidar dos filhos pequenos das participantes (SENAES 2013; Gaiger e Grupo ECOSOL 2014; Simon e Boeira 2017).

Essas disparidades tornam-se contraditórias, uma vez que a ESS tem como base princípios como democracia, equidade, solidariedade, a partir de outros paradigmas econômicos, ideológicos, políticos e sociais. Uma incongruência, portanto, por ter mais homens que mulheres, por estes ocuparem os cargos de direção predominantemente, e ainda em relação ao tempo, pois as mulheres têm que se dedicar às funções domésticas e, portanto, destinam apenas parte do tempo ao empreendimento (França Filho 2003; Culti, 2004; Bonet e Moreno 2011).

Contudo, por sua configuração de um espaço autogestionário, cooperativo, preocupado com as questões sociais, que permite às mulheres serem proprietárias dos meios de produção pelo seu caráter coletivo, terem renda similares graças à redistribuição entre cooperados, a ESS torna-se um espaço promissor para que as mulheres possam atuar e crescer em quantidade como também individualmente, gerar oportunidades para um aprimoramento da participação nos empreendimentos e, conseqüentemente, em posições de tomada de decisão, propondo um quadro mais equânime (Culti, 2004).

Para participar de maneira mais efetiva, não basta apenas que as mulheres compareçam nos espaços promovidos pela ESS, é necessário que elas qualifiquem suas participações. Sendo assim, o entendimento do processo de empoderamento dessas mulheres é fundamental.

Empoderamento feminino

Um conceito essencial para minimizar as discrepâncias em relação a gênero na ESS é o empoderamento das mulheres. Há uma polissemia de conceitos sobre empoderamento, porém, aqui busca-se um que possibilite às mulheres afirmarem-se perante um grupo com autonomia, participando das decisões a respeito de sua vida, melhorando sua qualidade de vida, possibilitando uma visão mais crítica da realidade e da precariedade, subordinação, dominação e discriminação em que muitas vezes se encontram (León, 2009).

Dentro desse cenário, o empoderamento feminino, como forma de alteração desse quadro de desigualdade, passa a ser amplamente discutido em várias conferências mundiais que, em 2015, culmina com a criação, dentro dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), do item 5 que trata da igualdade de gênero e empoderamento das mulheres e meninas (ONU 2015).

Esse objetivo destaca a necessidade de prover as mulheres de igual possibilidade para estudar, de cuidados com a saúde, bem como desenvolver um trabalho digno que assegure sustento econômico e conseqüentemente, promova a representação política nos processos de decisão. Entre o escopo do 5^a Objetivo (ONU s/d) está destacado a necessidade de:

- 5.A Realizar reformas para dar às mulheres direitos iguais aos recursos econômicos, bem como acesso à propriedade e controle sobre a terra e outras

formas de propriedade, serviços financeiros, heranças e recursos naturais, de acordo com as leis nacionais.

- 5.B Aprimorar o uso de tecnologia capacitadora, em particular a tecnologia de informação e comunicação, para promover o empoderamento das mulheres
- 5.C Adotar e fortalecer políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas em todos os níveis.

Entretanto, o aparente reconhecimento da cidadania feminina e a sua inclusão em programas de governos e em agendas nacionais ainda não se mostrou efetivo na garantia dos direitos humanos a todas as mulheres (Prá e Epping 2012). Torna-se, portanto, indispensável, para aqueles que defendem a expansão da cidadania feminina e a equidade de gênero, manter essa tarefa em pauta.

Sendo assim, a primeira etapa, para as mulheres nesse processo, seria a conscientização da discriminação e, conseqüentemente sua indignação e posterior desejo de mudar essa situação. Entretanto, para pessoas que já estão com essa condição de subordinação internalizada, há a necessidade de fatores externos agindo no sentido de mostrar que elas têm direito à igualdade, vez e voz (Lisboa 2008).

Friedmann (1992) afirma que o empoderamento entendido como acréscimo de poder que possibilita aos indivíduos aumentarem sua eficácia no exercício de cidadania é basilar para a efetivação da igualdade entre homens e mulheres.

O processo de empoderamento feminino é entendido como prática coletiva e solidária a partir da interação de vários sujeitos que interagem numa lógica inclusiva, de maneira que as envolvidas encontrem sua autovalorização, respeitando o ritmo de cada uma (Oliveira 2013).

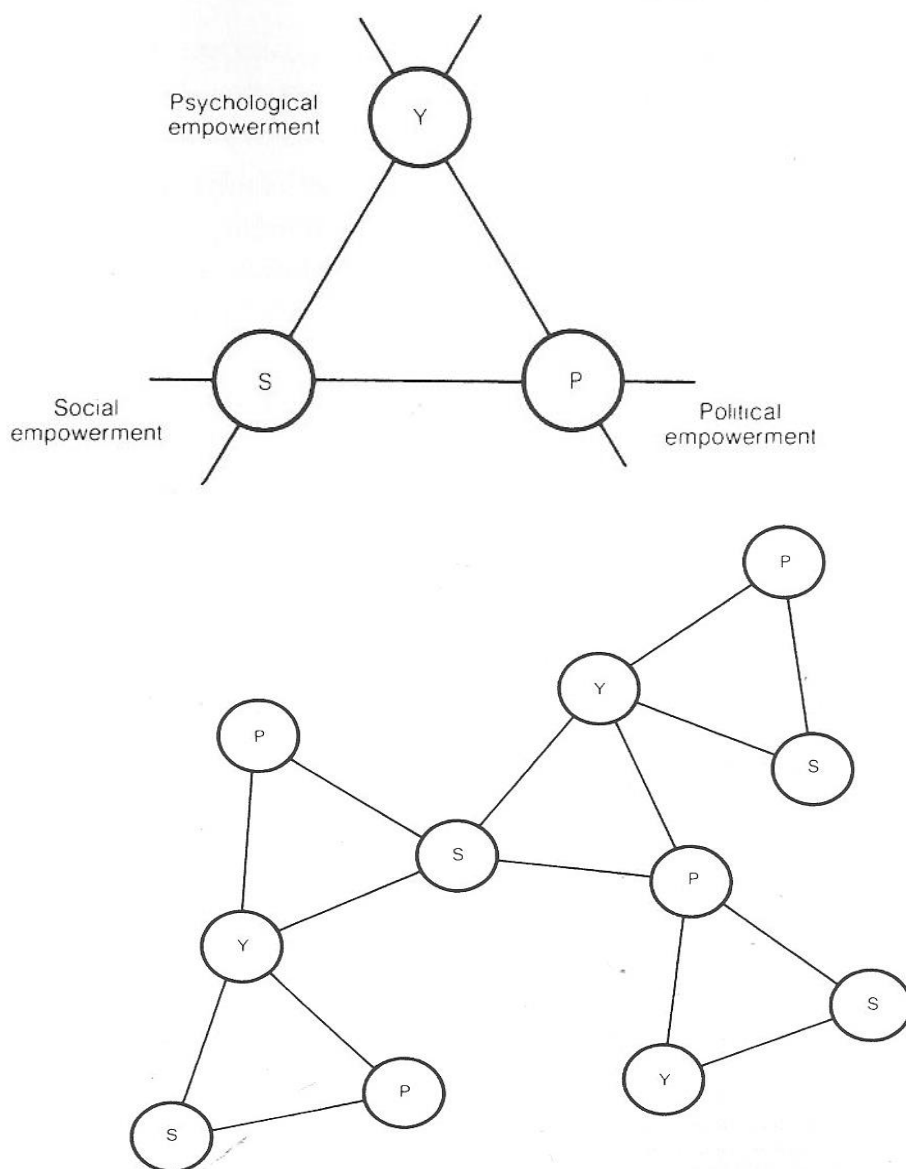
Para Friedmann (1992), os poderes do empoderamento podem ser divididos em:

- *Poder social*: refere-se ao acesso a informação, conhecimento e habilidades, participação social e recursos financeiros. Promove uma melhoria na habilidade de estabelecer e atingir objetivos garantindo a sobrevivência e a independência econômica, consolidando os elementos necessários para a tomada de decisão demonstrando suas habilidades de verbalização de seus posicionamentos e aspirações, o que consolida a coesão do grupo ao qual pertencem.
- *Poder político*: está relacionado ao processo de decisão, à participação política, ao poder de voz e das ações coletivas.
- *Poder psicológico*: tem a ver com a personalidade dos indivíduos, o aumento da consciência individual, autoconfiança, autoconhecimento, a proatividade, o sentimento de pertencimento e de dever.

Entretanto, na sociedade, há uma assimetria em relação à maneira como esses poderes estão distribuídos, portanto, quanto mais detiverem desses recursos mais empoderadas serão consideradas, o que desconcentra recursos, numa redistribuição mais igualitária. À medida que há essa redistribuição, o empoderamento, visto como uma composição desses indicadores, cria um *continuum* de possibilidades (Horochovski e Meirelles 2007).

Esses três tipos de poder formam uma estrutura que, ligada a outras, cria uma rede de relações que propiciam o empoderamento das mulheres e permitem uma mudança social.

Figura 01: Formas e redes de empoderamento



Fonte: Friedmann (1992)

Pode-se afirmar que o empoderamento ocorre, primeiro, num nível individual, - precisam perceber que se encontram numa situação de subordinação, dominação, discriminação; depois no nível grupal, - identificação com outras mulheres em situação semelhante de necessidade; e, por fim, no nível estrutural, em que haverá um embate com os grupos organizados e a esfera pública, - são, portanto, conceitos que se articulam, conforme figura 01 (Friedmann 1992).

As mulheres na Economia Social e Solidária

Esse artigo irá apresentar 03 mulheres ligadas à ESS em Santa Catarina² e suas atuações, bem como seus processos de empoderamento.

² Essa pesquisa foi originalmente realizada com 13 mulheres ligadas ao movimento de Economia Social e Solidária, de todas as regiões do estado de Santa Catarina. As escolhas foram aleatórias, a partir de indicação de participantes do próprio movimento. A história oral temática foi escolhida por proporcionar que as próprias mulheres tratassem dos temas de interesse, a partir de suas vivências, ou seja, permitindo que elas fossem protagonistas da pesquisa. Entretanto, para esse trabalho o número de entrevistadas foi reduzido.

Maria Beatriz³ (50 anos) tem o ensino fundamental, mora no litoral, trabalha com reciclagem e é extremamente atuante nos movimentos sociais, chegando a ser representante do estado no movimento nacional de reciclagem. Criada pelos avós, casada, com 04 filhos, mudou-se para o litoral, trabalhou sempre na informalidade, pois os filhos, sua falta de estudos e até o bairro que morava (tido como perigoso) não facilitavam a conquista de um emprego formal. Vendeu pão, cerveja e refrigerante na praia até participar de um projeto que construiu um galpão de reciclagem no bairro. Atuou como liderança nesse projeto, mesmo não sendo catadora nessa época. Depois de pronto, apesar de alguma resistência interna, acabou sendo aceita no empreendimento, passou a atuar, comprou a primeira carroça da associação e tornou-se presidente após algum tempo. Na sua gestão, a associação conseguiu acordos no comércio e serviços locais para facilitar as compras dos associados, garantindo o pagamento no final do mês; conseguiu parceria com o aeroporto da cidade para recolher o material; trocou a carroça por uma caminhonete. Conta que nem sempre foi fácil criar conscientização para conseguir material

Teve uma vez que a gente foi fazer Educação Ambiental lá (no aeroporto), que veio uma senhora. [...] Ela já estava revoltada porque queria ir pra casa e não queria saber de reunião. Daí ela disse assim "o que eu vou ganhar em separar pra vocês?". Eu digo "então a senhora então está bem mal informada, porque a senhora separando, além de ajudar a gerar renda pra pessoas, catadores que têm filhos, que têm um neto, a senhora ainda está ajudando o nosso meio ambiente. Porque, já pensou se não tivessem pessoas como nós fazendo esse trabalho, quanta montanha de lixo ia estar no nosso planeta?"

Entretanto, a parceria não seguiu porque, apesar das palestras de conscientização que ela fazia para as equipes do aeroporto, a seleção do material não estava sendo feita de acordo, com muito material não reciclável junto, o que punha em risco a saúde de quem trabalhava.

Então nós fizemos a nossa parte e eles não. Tiramos foto, tudo agora, até ver com o Sr XX, que, daí, ligou pra saber o que estava acontecendo. Daí eu mandei as fotos, porque do jeito que vinha o material, era muito nojento. Eu disse pra ele, digo "aqui a gente trabalha com ser humano". Acho que nem um animal merece trabalhar ou conviver numa situação daquela [...].O que aconteceu então, a gente vai dar uma parada até vocês se adequarem. Vê como é que vão fazer aí, porque Educação Ambiental a gente já fez um monte.

Atualmente, participa ativamente da ESS e do movimento nacional de catadores. Já foi delegada da ESS, mas agora deixou que outra pessoa assumisse. Outro destaque que faz é quanto ao papel da mulher, acredita que as mulheres são muito fortes, tanto que conseguem, quando necessário, cuidar dos filhos, sustentar família sem a presença de marido. A associação tem mais mulheres que homens. E, ressalta que com o envolvimento na ESS, a mulher passa a ter uma noção maior da sua capacidade, da sua força.

[...] Eu acho que ela (a ESS) dá oportunidade de você ter um conhecimento que você não tinha. Que nem eu te falei, até então a gente não sabia o poder que a gente tem. E saber usar também esse poder é muito legal.

Ela demonstra isso ao contar como não tinha muita noção das coisas quando iniciou no empreendimento e agora, articula até com o poder público, numa postura crítica. Além disso, essa participação fez com que voltasse a estudar – com o incentivo da filha

Eu tenho só a 8ª série. Naquela dificuldade que eu te falei, quando eu pensava assim "quando a minha filha mais velha tiver uns 2, 3 aninhos, eu volto a

³ Os nomes são fictícios para evitar constrangimentos para elas dentro da ESS do Estado

estudar". Só que como tava nessa época, já tava quase ganhando o outro. Aí, quando a minha filha do meio foi fazer a 8ª série, ela disse "mãe, por que a senhora não tenta?". Porque eu só tinha feito até 7ª, daí já fui tendo eles. Ela diz "por que a senhora não recomeça, vamos lá, eu vou fazer a 8ª, vamos fazer junto"? Aí me deu aquela coisa, eu digo, "pois, olha, dá pra tentar", eu pensei.

Percebe-se que se tornou realmente uma liderança, aprimorando-se o tempo todo, articulando sempre em prol da melhoria do grupo, viaja por todo o país para participar de reuniões e fóruns de discussão a respeito da reciclagem, o que demonstra seu processo de apropriação dos espaços de discussão e também consegue, apesar da sua pouca educação formal, posicionar-se frente a pessoas e instituições, numa demonstração desse crescimento pessoal.

Maria Clara é do sul do estado, (47 anos), casada, 02 filhos adultos, pescadora na origem, trabalha com padaria, fez o ensino médio e tornou-se bastante atuante após conhecer a ESS. Esse conhecimento se deu ao participar de um grupo de crochê. Convidou a coordenadora a montar um empreendimento na sua região para complementarem a renda, uma vez que parte do ano ficavam sem trabalhar (época do defeso). Dezoito mulheres iniciaram o grupo, dividiram-se em 2 empreendimentos, um fechou poucos meses depois. Receberam a doação do terreno e das máquinas da Cáritas⁴ e construíram, com a ajuda dos maridos, a padaria. Antes da padaria, não tinha estudo, não saía de casa, não tinha grande parte dos dentes, cuidava da casa e dos filhos quando não trabalhava na pesca.

É uma coisa que não tem explicação. Eu era uma pessoa banguela, não entendia nada da vida, a minha estrada era a minha casa o meu marido os meus 2 filhos e só. Minha estrada era essa, não tinha outro rumo. Eu era banguelinha, não tive estudo, não saía de casa era só aquilo. Aí a dona XX disse assim, "em primeiro lugar vocês vão ter que dar valor a vocês mesmas, vocês já se olharam pra vocês mesmas?". Aí uma era toda descabelada, a outra era toda desdentada. Aí a dona XX disse assim, "primeiro vamos se gostar de si mesma". Aí tá, aí fui ao dentista, eu fui ao dentista arrumei tudo e a padaria já estava pronta e fizemos a festa pra abrir.

Após um tempo, atendendo a um convite da Cáritas, apesar de todas as inseguranças, foi participar de uma feira em outra cidade. Foi apenas o começo porque, a partir de então, em razão do que vivenciava na padaria e do envolvimento com a ESS, estudou até o ensino médio, tirou carteira de motorista, comprou seu carrinho, viajou pelo estado e atualmente, dá aula de capacitação para outras pessoas da ESS que estejam começando empreendimentos de panificação. Para ela, foi a ESS que a ensinou a ser assim.

O que eu fui entender na economia solidária é assim, na minha opinião, não sei se eu tô errada, economia solidária é assim, é dar valor no que tu faz no que tu tenta fazer, com os outros e ter prazer no trabalho aonde tu trabalhas. Eu, eu adoro o que eu faço dentro da padaria, adoro. Se tiver que dizer assim, "tem que ter morrer hoje, morro feliz". Porque isso aqui, a Padaria pra mim, é a minha vida, minha vida, minha vida. Daqui eu sustentei a minha casa, eu daqui terminei meu ensino médio, daqui eu tirei minha carteira de motorista, agora eu te pergunto, quem sou eu tirar uma carteira de motorista? Dirigir eu, às vezes, eu fico assim, eu sou orgulhosa de mim mesma, mas assim, não fui eu fui à economia solidária que me ensinou a ser assim

Num primeiro momento, em razão do despreparo, tudo o que precisavam pediam para a coordenadora da Cáritas. Porém um dia,

⁴ A Cáritas Brasileira é uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Sua atuação é junto aos excluídos e excluídas em defesa da vida e na participação da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural. (<http://caritas.org.br/>)

eu me sentei com as meninas, “meninas quando vocês estão em casa, o que vocês fazem pra não faltar? Nós damos um jeito. Eu converso com marido, eu peço na vizinha”. “Então vamos supor nós aqui, somos em 5 mulheres, será que nós precisamos que tudo a dona XX faça, tudo?”. “É, mas é ela que tem mais chance de arrumar”. Eu disse, “não, todas nós temos, todas nós temos iguais. O porquê que nós não fizemos isso?”. “ai nós vamos conseguindo...”. “nós vamos conseguir”. Ai começamos a dar os primeiros passos, não chamava mais a dona XX. Faltou saca plástica, se aquela não tinha dinheiro pra comprar ou a outra, e eu tinha. Eu passava a mão no meu dinheiro, “me dá uns sacos plásticos aí”. Vinhamos, embalava o pão, muito que bem, na outra semana faltou trigo. A outra tinha dinheiro, tá, depois a gente lá dava o dinheiro praquela, dava o dinheiro pra outra.

A padaria é uma associação, por isso é difícil a formalização o que criou dificuldades para expandirem o negócio, uma vez que não poderiam emitir notas fiscais, apesar de, no início, terem conseguido fornecer pães para 09 escolas da cidade.

Hoje são apenas 3 participantes, que trabalham apenas quando há encomenda, ou seja, como complementação de renda. Apesar da mudança que o empreendimento proporcionou, a falta de apoio de políticas públicas que permitissem que se estruturassem/formalizassem como empreendimento da ESS fez com que tivessem que buscar outras formas de sobrevivência. Entretanto, ela afirma que sua vida se transformou a partir da inserção na ESS, que os princípios estão realmente presentes no seu dia a dia e fizeram diferença nela e na própria família.

Maria Elizabete (62 anos) é da região oeste, é sócia fundadora de uma cooperativa de costura, fez até a especialização em educação e foi representante do estado no Fórum Nacional de Economia Solidária⁵. Trabalhou em frigoríficos, como faxineira e conta

quando eu vim do interior, eu tinha a terceira série do primário (...). E eu olhava da janela do frigorífico as amigas minhas que estudavam durante o dia e eu assim, tinha tamanha dor por não poder estudar, porque eu precisava trabalhar, eu perdi meu pai quando eu era criança ainda, minha mãe era uma pessoa analfabeta também....

Entretanto, conseguiu estudar contando com a solidariedade dos padres que permitiram que cursasse, sem pagar, até arranjar emprego que fosse suficiente para isso. Não conseguia pagar, pois ganhava sempre muito menos que a mensalidade da escola, porém conseguiu concluir os estudos. Casou-se, mudou-se de cidade e conseguiu finalizar o ensino fundamental numa escola pública com aulas noturnas. Cursou o magistério e, nesse momento, sua liderança começou a despontar. Começou a lecionar, fez vestibular para pedagogia e posteriormente, especialização em supervisão escolar. Foi participando do sindicato até tornar-se presidente, apesar da resistência, já que era predominantemente masculino. Trabalhou numa Universidade por um período, participou de movimentos de bairro e de escola. Paralelo a isso, montou um grupo de costura com duas outras professoras. Trabalhavam à noite, na sala da casa de uma delas. O grupo cresceu, tudo o que ganhavam era reinvestido, conseguindo estruturar, com a ajuda da Cáritas, uma sede própria com máquinas, ao longo de 8 anos – quando tiveram a primeira receita. Optaram pela cooperativa não pela questão financeira, mas para poder ser uma sociedade de pessoas, mais democrática, mais igualitária - “Ele não era só um empreendimento econômico, ele era um empreendimento ideológico”. Quando percebeu que estava trabalhando nos moldes da ESS, começou a atuar fortemente no movimento, com participação nacional.

Afirma que com relação às mulheres, apesar de estarem emancipando-se, as tarefas domésticas ainda são de responsabilidade delas. Não há, ainda, uma mudança na maneira de enxergar a mulher e seu papel. Na ESS, há um ganho de consciência, contudo, ainda há muitas dificuldades para as mulheres dentro do movimento.

Eu acho que a mulher tem mais dificuldade para se colocar no mercado, a confiabilidade eu acho que em um empreendimento de mulheres demora mais

⁵ O movimento no Brasil tem o nome de Economia Solidária – Ecosol.

para chegar. Esses dias o Professor Paul Singer dizia: "não, na economia solidária não tem isso", digo, "tem sim, tem homens que chegam lá e olham para nós, 'nossa, grupo de mulheres, vocês não brigam, não tem fofoca?'". Porque assim, a concepção de que mulher é isso, é vazia, só briga, só faz fofoca. Então como você se coloca no mercado quando você tem uma sociedade que tem essa concepção de mulheres? Como mulher vai negociar, vai estar à frente de um negócio?

Conta que se realizou muito ao longo da trajetória da cooperativa que já tem 20 anos, aprendeu, ampliou sua visão de mundo, porém, houve muito desencanto. Principalmente porque, na prática, aquele sonho demorou muito para realizar-se. Na ESS não se tem acesso a quase nada. Há uma necessidade premente de política pública – não compensatória - que trate das especificidades da ESS.

Mas também tem muito desencanto nisso tudo, muito desencanto também, porque você sonha muita coisa, quando tu vê que tu vai para a prática, aquilo demora muito para acontecer. E eu acho que a gente ainda na economia solidária a gente não tem acesso a quase nada. Precisa de política pública, não é de políticas compensatórias que a gente precisa, mas a gente precisa de políticas públicas. Por exemplo, nós, como cooperativa, não tenho acesso a 1 centavo de crédito. Então assim, enquanto que o rural tem uma série de políticas para a área rural, tem os (Pronafs), tem isso, tem aquilo, tem aquele outro, a gente não tem nada. Nós, como cooperativa, não temos 1 centavo de crédito. Uma vez eu precisava de 10 mil, fui lá, "não, o microcrédito não é para cooperativa".

Mas, ressalta que o ganho pessoal e a realização de ver outras mulheres também empoderando-se ao participar, foi realizador.

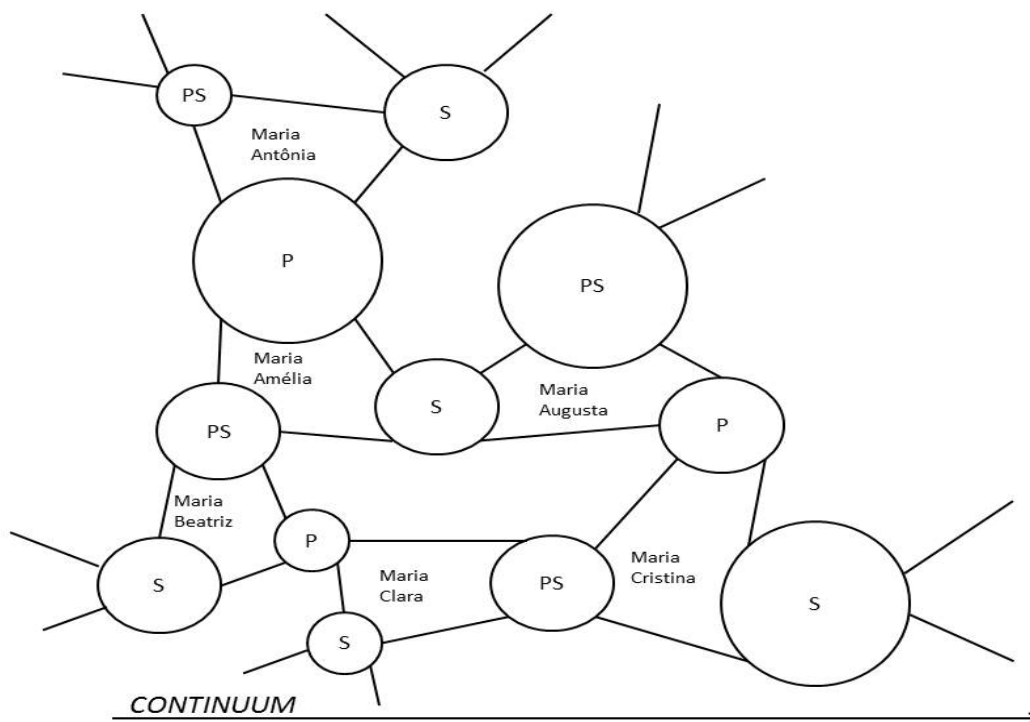
Então imagina mulheres que nunca tiveram nada, que nunca tinham trabalhado fora, que eram donas de casa, daqui a pouco elas são donas de um próprio negócio. Isso também é uma coisa que o crescimento dessas mulheres, a linguagem delas mudou, a postura delas mudou, a sua relação com os maridos, então assim, isso era uma coisa que me dava muita alegria, porque a gente via aquelas mulheres que eram submissas, daqui a pouco não, elas empinavam o nariz também e sabiam dizer o que queriam, estavam negociando, iam fazer compras. Então esse era um processo muito interessante.

Tecendo algumas considerações

A partir dessas histórias, é possível refletir como ocorreu o processo de empoderamento e a participação da ESS nesse processo.

O primeiro ponto a destacar é que, pela sua característica multidimensional, o empoderamento não pode ser entendido de maneira absoluta – ou se é empoderado ou não (Horochovski e Meirelles 2007). Baquero (2012) afirma que o empoderamento abrange noções de democracia, direitos humanos, participação, mas também, propõe uma reflexão sobre a ação e a relação com questões econômicas, políticas e culturais, ou seja, é necessário refletir sobre o próprio sujeito, numa dimensão individual e coletiva. Assim, o que se percebe é que as mulheres entrevistadas estão em estágios diferentes de empoderamento. Umas já conseguem agir com mais independência, outras conseguem garantir renda, outras, já mais avançadas nos entendimentos, são mais independentes, instruídas, auxiliando no empoderamento de outras mulheres. Não é um processo hierárquico, mas, um *continuum* em que os extremos são as referências e as mulheres estão dispostas ao longo do percurso, como demonstrado na figura 02.

Figura 02: Continuum do empoderamento feminino



Fonte: elaborada pela autora

Outra característica importante, associada ao *poder psicológico*, é o inconformismo frente às adversidades que vão percebendo. À medida que vão desenvolvendo o senso crítico de si mesmas e do contexto em que estão inseridas, vão tomando atitudes individuais e coletivas para transformar ou acabar com essa adversidade. Com isso, rompem com as tutelas ou dependências, tornando-se sujeitas independentes, autônomas, agentes e não pacientes.

O estudo formal está profundamente associado ao processo de empoderamento, ao *poder social*, ou seja, incrementar o acesso à informação, conhecimento e habilidades e, como consequência, à participação social e aos recursos financeiros. Quanto mais instruídas, mais autoconfiantes, independentes, maior o senso crítico e participação nos coletivos, ou seja, passam a assumir mais fortemente o controle de suas vidas. Isso pode ser visto na fala das três entrevistadas – todas procuraram estudar.

É perceptível uma relação entre o grau de instrução, o envolvimento com os movimentos sociais e o grau de empoderamento, numa clara articulação dos tipos de poder que cria uma rede de relações que propicia o empoderamento.

A ESS funciona como um agente externo que auxilia essas mulheres desempoderadas a perceber essa condição e querer modificá-la. É um catalizador nesse processo e é por participar da ESS que elas continuam seus processos, ou seja, no coletivo elas aprimoram suas características individuais (*poder político/social*).

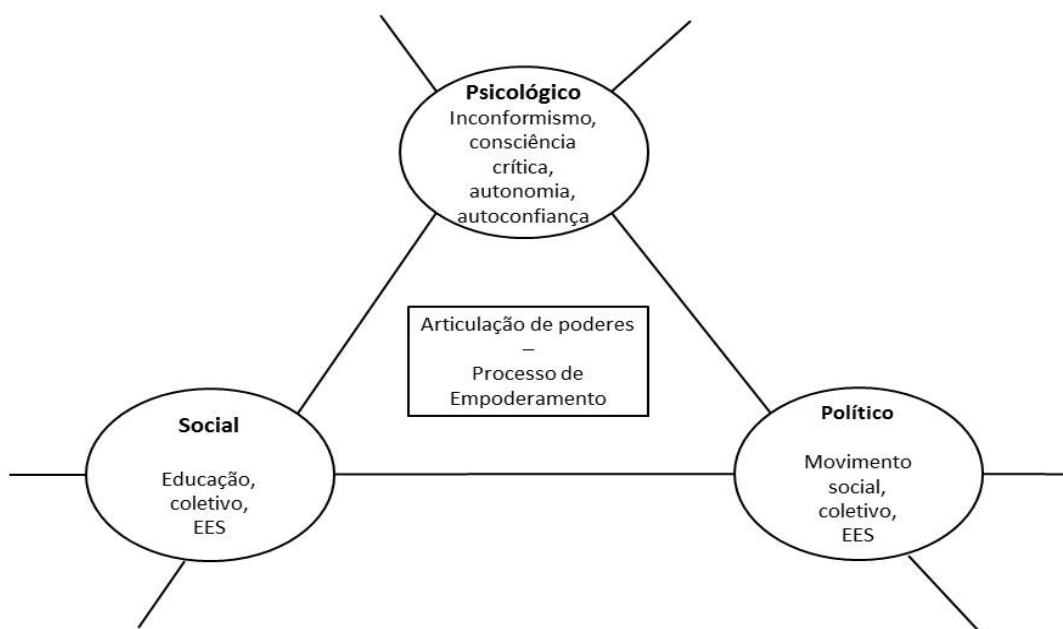
O entendimento do que é e como atua a ESS é distinto entre elas, porém, a importância do coletivo está sempre presente, seja na participação em feiras, em trabalhar em conjunto para alcançar um objetivo, na importância de partilhar. Apesar de dizerem que ao participar da ESS puderam aprimorar a própria vida, o que pode indicar um aparente sentimento egoísta de conquista pessoal, todas reforçam que a sensação de melhora está associada ao coletivo, - trabalhando no e pelo coletivo. O empoderamento é individual – ninguém empodera ninguém – porém, para que se consolide, precisa do coletivo, é no grupo que as mulheres concretizam suas conquistas.

O crescimento pessoal de cada uma (*poder psicológico*) é perceptível por meio das muitas conquistas pessoais, materiais e familiares relatadas por elas. Uma catadora, Maria Beatriz, que faz palestra sobre conscientização ambiental para pessoas que provavelmente, têm formação e condição socioeconômica superior à dela é um exemplo claro desse crescimento. Ou, como no caso da Maria Clara, que tinha quase nenhuma formação e passa a ser formadora dentro do

movimento. Entretanto, esse crescimento possibilita o aprimoramento do senso crítico que se aplica em relação à própria ESS, num processo de aprimoramento do empoderamento – *poder psicológico*. Maria Elizabete, por exemplo, deixa claro a dificuldade do acesso ao crédito para a ESS, a discriminação forte dentro do movimento em relação às mulheres. Ou seja, a ESS que auxilia no processo de empoderamento, passa a ser criticada por causa desse mesmo empoderamento.

Quando as mulheres conseguem vincular o que vivenciam no seu cotidiano ao que entendem por ESS, ao que discutem nos fóruns é que consolidam seu processo de empoderamento, perceptível, pelo exposto acima. Há uma articulação constante entre os tipos de poderes descritos por Friedmann (1992) no processo de empoderamento como apontado na figura 03.

Figura 03: Processo de empoderamento



Fonte: elaborada pela autora, a partir de Friedmann (1992)

Com isso, é perceptível a importância da ESS enquanto movimento coletivo no processo de empoderamento das mulheres ligadas a esse movimento, bem como a necessidade de articulação das esferas político, social e psicológica nesse processo.

A título de fechamento, as reflexões acima propostas tentam primeiramente, trazer as mulheres para o protagonismo nas pesquisas científicas. Num outro momento, aponta a ESS como possibilidade, por todas as suas características intrínsecas e apesar de suas incongruências, de um espaço profícuo para a atuação das mulheres, um espaço que permite que se tornem sujeitas das ações e protagonistas de suas próprias vidas, além de alterarem sua atuação na sociedade. Por fim, apresenta o processo de empoderamento como uma possibilidade para que as mulheres assumam seus espaços seja na ESS ou em qualquer outra situação que se apresente, o que reafirma a ideia de que o empoderamento é fundamental para enfrentar as diversidades que se apresentam para as mulheres de maneira geral e ainda na ESS, numa tentativa de consolidar os princípios defendidos pelo 5º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável – atingir a igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres.

Referências

- Andion, C., Serva, M. e Lévesque, B. “O debate sobre a economia plural e sua contribuição para o estudo das dinâmicas de desenvolvimento territorial sustentável”. *Eisforia 1*, n. 1 (2003): 199 - 221.
- Araújo, L. “Cooperativismo e economia solidária sob o olhar filosófico latino-americano: a crítica da colonialidade”. *Lex Humana* 6, n. 2 (2014): 82–101.
- Baquero, R. “Empoderamento: instrumento de emancipação social?—uma discussão conceitual”. *Revista debates* 6, n. 1, (2012): 173–187.
- Bonet, M. A. R. e Moreno, A. S. “La desigual participación de hombres y mujeres en la economía social: teorías explicativas”. *Ciriec – España: Revista de Economía Pública, Social y Cooperativa*, n. 50 (2004): 77-103.
- Costa, P. D. A.; Carrion, R. D. S. M. “Situando a Economia Solidária no campo dos estudos organizacionais”. *Otra Economía III*, n. 4 (2009): 66–81.
- Culti, M. N. “Mulheres na Economia Solidária”. *IV Congreso Europeo CEISAL de Larinoamericanistas I*, v1 (2004): 1–22.
- França Filho, G. “A temática da economia solidária e suas implicações originais para o campo dos estudos organizacionais”. *RAP* 37, n. 1 (2003):11-31.
- Friedmann, J. *Empowerment: the politics of alternative development*. Malden, Massachusetts, USA: Blackwell, 1992.
- Gaiger, L.I. e Grupo ECOSOL. *A economia solidária no Brasil: uma análise de dados nacionais*. São Leopoldo: Oikos. 2014.
- Henriques, F. C. “As disputas em torno do conceito de economia solidária: experimentação de uma utopia ou retrocesso na luta dos trabalhadores”. *Latitude* 8, n. 1 (2014): 63–91.
- Horochovski, R. R.; Meirelles, G. “Problematizando o conceito de empoderamento”. In: *Seminário nacional movimentos sociais, participação e democracia*, Florianópolis. Anais..., (2007): p. 485 - 506.
- Japiassu, H. “O projeto masculino-machista da ciência moderna”. In: *Da revolução científica à big (business) science: cinco ensaios de história da ciência e da tecnologia*, Soares, L. C. (Org.). 67 – 104. São Paulo: Hucitec; Niterói: EdUFF, 2001.
- Japiassu, H. *Ciências: questões impertinentes*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2011.
- Laville, J. L.; Gaiger, L. I. “Economia solidária”. In: *Dicionário internacional da outra economia*, Hespanha et al. (Coord.). Coimbra: Almedina, 2009.
- Lechat, N. M. P. “Economia social, solidária, terceiro setor: do que se trata?” *Civitas* 2, n. 1 (2002): 123-140.
- León, M. de. “Empoderamento: relaciones de las mujeres con el poder”. *Estudios Feministas* 8, n. 2, (2009);01 – 15.
- Lisboa, A. de M. “Economia solidária e autogestão: imprecisão e limites”, *RAE*, (jul./set. 2009): 109-115.

Lisboa, T. K. “Empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais”. In: *Fazendo gênero*, Florianópolis. Anais...., (2008): 1 - 6.

Oliveira, A. L. de. “A trajetória de empoderamento de mulheres na economia solidária”. *Revista Gênero 05*, n. 2, (2013): 1–14.

ONU, “About the sustainable development goals” 2015.

<https://www.un.org/sustainabledevelopment/sustainable-development-goals/>

ONU, “Goal 5: Achieve gender equality and empower all women and girls”. s/d

<https://www.un.org/sustainabledevelopment/gender-equality/>

Prá, J. R. e Epping, L. “Cidadania e feminismo no reconhecimento dos direitos humanos das mulheres”. *Estudos Feministas 20*, n. 1, (2012): 344.

Santos, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1987.

Sauvage, P. S. *OCDE: réconcilier l'économique et le social – vers une économie plurielle*. Paris: OCDE, 1996.

SENAES, “Atlas digital da Economia Solidária” 2013. <http://sies.ecosol.org.br/atlas>

Simon, V. P., e Boeira, S. L. “Economia social e solidária e empoderamento feminino”. *Ciências Sociais Unisinos 53*, n. 3 (2017): 532-542.

Stábile, F e Lanza, L. M. B. “Trajetórias do trabalho feminino e economia solidária” In: *A sustentabilidade da economia solidária: contribuições multidisciplinares*. Pitaguari, S. O. et al. 127-151. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2012.

Yamamoto, J. M. e Ichikawa, E.Y. "Representações Sociais da Ciência: O que Dizem as Mulheres Pesquisadoras da Universidade Estadual de Maringá." *Revista Alcance 14*. n. 1 (2008): 27-48